



TRUMP 2.0

Em discurso alinhado com a extrema-direita, durante conferência na Alemanha, Vance critica repressão à liberdade de expressão e incita uma mudança de rumo em relação à imigração. Com Zelensky, debate o fim do conflito com a Rússia

Vice dos EUA ataca políticas europeias

Ao discursar, ontem, em uma conferência de segurança em Munique, na Alemanha, o vice-presidente dos Estados Unidos, J.D. Vance, fez duros ataques aos líderes europeus. Em fala alinhada à extrema-direita, Vance criticou, entre outros, os “comissários” da União Europeia (UE), que, segundo ele, reprimem a liberdade de expressão, que estaria “retrocedendo” no continente.

“Em Washington, há um novo xerife na cidade sob a liderança de Donald Trump”, afirmou Vance em seu pronunciamento, que surpreendeu a plateia pelo tom agressivo e foi considerado “inaceitável” pelo ministro da Defesa alemão, Boris Pistorius. O vice de Trump também incitou os países europeus, incluindo a anfitriã da conferência a “mudar

“Nenhum eleitor nesse continente foi às urnas para abrir as portas para milhões de imigrantes que não tiveram sua situação verificada”, acrescentou.

“Ele (Vance) fala da aniquilação da democracia. E, se entendi corretamente, está comparando as condições em partes da Europa com as de regimes autoritários. Isso não é aceitável”, reagiu o ministro alemão da Defesa, após o discurso.

Guerra na Ucrânia

Mais tarde, entre inúmeras reuniões, o vice-presidente norte-americano se encontrou com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, para tratar do fim do conflito com a Rússia. Vance insistiu que Washington quer garantir uma paz “duradoura” entre as duas ex-repúblicas soviéticas. “Não queremos aquele tipo de paz que acabará com o leste europeu em conflito dentro de alguns anos”, frisou, ao fim do encontro.

A reunião na Alemanha é considerada um momento crucial para a Ucrânia, que busca manter os EUA ao seu lado depois que Trump iniciar conversas com o presidente da Rússia, Vladimir Putin, para encerrar o conflito. O vice de Trump considerou que ambos tiveram uma “boa conversa” sobre como alcançar esse objetivo e que continuariam dialogando “nos próximos dias, semanas e meses”.

Zelensky também externou satisfação com a conversa e reiterou, na rede social X, que Kiev está pronta para “avançar o mais rápido possível para uma paz real e garantida”. A ligação telefônica entre Trump e Putin, na quarta-feira, fez os ucranianos e os países europeus temerem uma saída do conflito que prejudique seus interesses.

J. D. Vance ressaltou que seu país está disposto a pressionar



Vance cobrou o aumento de gastos militares dos países do Velho Continente e responsabilidade na Otan

Em Washington, há um novo xerife na cidade sob a liderança de Donald Trump”

J. D. Vance,
vice-presidente dos Estados Unidos

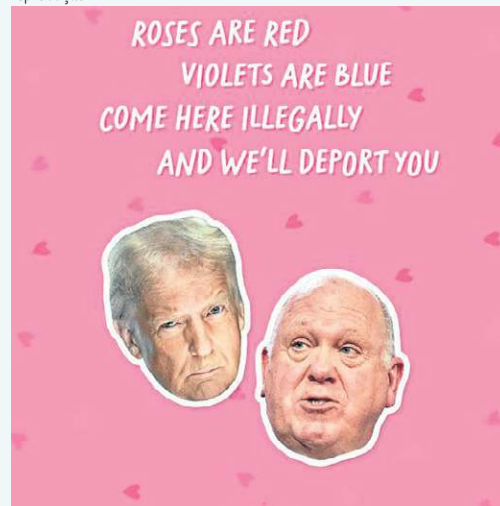
de rumo” em relação à imigração. Após o discurso, Vance se reuniu com a candidata do partido Alternativa para a Alemanha (AfD), Alice Weidel, em um hotel de Munique, segundo a televisão pública ZDF. A legenda ultradireitista, segundo as pesquisas, pode dobrar seu resultado nas eleições legislativas no país, que serão realizadas daqui a oito dias.

Vance iniciou o discurso com uma menção ao atropelamento em massa que deixou 36 feridos na própria cidade de Munique, um dia antes da conferência. Ao volante, estava um afegão de 24 anos, cujo pedido de asilo foi rejeitado pelas autoridades alemãs. Com passagens pela polícia por roubo e crimes relacionados com drogas, ele havia sido colocado sob proteção subsidiária, o que suspendeu a deportação.

“Quantas vezes devemos sofrer essas terríveis derrotas antes de mudar de rumo e levar nossa civilização compartilhada a uma nova direção?”, indagou Vance aos que o assistiam.

Não existe amor na Casa Branca

Reprodução



No Dia de São Valentim, em que o amor romântico é celebrado nos Estados Unidos e em várias partes do mundo, a Casa Branca enviou uma mensagem nada carinhosa aos imigrantes. Em suas contas oficiais nas redes sociais, o governo de Donald Trump divulgou uma paródia de um verso associado ao dia dos namorados, com um recado direto: os ilegais serão expulsos. A montagem inclui fotos dos rostos do presidente, com semblante sério, e de seu conselheiro especial para política migratória, Tom Homan, em um fundo rosa. “Rosas são vermelhas, violetas são azuis, chegue aqui ilegalmente e nós deportaremos você”, diz a versão. A imagem foi acompanhada da mensagem “Feliz Dia de São Valentim”, ao lado de um emoticon de coração vermelho.

a Rússia para que acabe com a guerra de três anos contra a Ucrânia e assegurou aos europeus que, “claro”, eles terão sua parte nas negociações. No entanto, lembrou às potências

europeias de que terão que assumir maiores responsabilidades na Otan para dividir o peso da defesa do continente.

Vance voltou a defender a ideia de Trump de que a Europa

deve aumentar os gastos militares. “Parece-nos importante que façam um esforço maior enquanto os EUA se concentram em áreas do mundo que correm grandes perigos”, disse Vance.

Crise judicial em Nova York

A pressão do governo de Donald Trump sobre o Judiciário para livrar o prefeito de Nova York, o democrata Eric Adams, de um julgamento por corrupção, com o pano de fundo das deportações de imigrantes, está provocando uma crise na maior cidade dos Estados Unidos. Ontem, Adams deu mais um sinal de sua aproximação com os republicanos, ao surgir sorridente nos estúdios da emissora Fox News, em companhia do “czar da fronteira” Tom Homan, chefe do programa de expulsão em massa de imigrantes em situação irregular.

Na véspera, o democrata afirmou que estava disposto a colaborar mais estreitamente com o governo Trump no tema das deportações. Por trás do clima amistoso, está a ordem emitida, segunda-feira passada, pelo Departamento de Justiça aos promotores de Manhattan para que retirem as acusações de corrupção contra Adams em um caso de financiamento ilegal de campanha e suborno que envolve a Turquia e vem provocando grande agitação política.

A situação causou um terremoto na promotória. A procuradora interina para o Distrito Sul de Nova York (Manhattan), Danielle Sassoon, apresentou, antontem, sua demissão em uma carta de oito páginas redigida em duros termos. Foi acompanhada pelo procurador assistente Hagan Scotten e, segundo o jornal *The New York Times*, por outros cinco funcionários da divisão anticorrupção do Departamento de Justiça.

“Sob nenhum regime livre se pode permitir que o governo utilize a retirada de acusações como prêmio, ou a ameaça de voltar a apresentá-las, para induzir um funcionário eleito a apoiar seus objetivos políticos”, assinalou, por sua vez, Hagan Scotten, em um e-mail divulgado pelos meios de comunicação norte-americanos.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

O fator Trump e o Brasil no Brics

Menos de um mês foi o bastante para o retorno de Donald Trump na Casa Branca incidir com peso em uma das frentes prioritárias para a política externa brasileira no ano. O país exerce desde janeiro a presidência rotativa do Brics e sedia, em julho, a cúpula do bloco. Entre os principais pontos da agenda, o desenvolvimento de esforços para substituir o dólar nas trocas comerciais entre os membros efetivos e, eventualmente, também com os países parceiros.

Antes mesmo de tomar posse, Trump acenou com a imposição de tarifas — de até 100% — aos produtos de países que aderirem a essa “desdolarização”. Em nota, o governo brasileiro reafirmou o item entre as prioridades na presidência do Brics. Falando à imprensa, porém, o diplomata que representa o Itamaraty nas negociações do bloco, o embaixador Maurício Lyrio, procurou o tom exato para evitar uma colisão frontal com Washington. Ver no Brics um fator de “antagonismo”

com os EUA — e os países ricos, em geral — seria “uma visão completamente equivocada”, definiu o diplomata. Lyrio, que foi também o “sherpa” na presidência brasileira do G20, em 2024, citou o grupo como exemplo de concertação entre os interesses de países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Os sherpas são nativos da cordilheira do Himalaia que guiam e apoiam os alpinistas na escalada do Everest, inclusive carregando o equipamento. A diplomacia tomou emprestado o nome para designar aqueles que chefiam negociações, em especial as multilaterais.

Caminho das Índias

O desafio colocado para o Brasil no Brics foi evidenciado na efusiva visita feita a Trump pelo primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi. Ao lado do anfitrião, e embora tendo ouvido críticas às tarifas

sobre a importação de produtos norte-americanos, Modi exaltou a “próspera parceria” e aproveitou para um trocadilho com o slogan *Maga* (Make America great again): depois de trocar o “a” pelo “i” do próprio país, emendou: “Maga + Miga... uma megaparceria”.

Amabilidades à parte, o premiê indiano fechou com os EUA acordos para a compra de petróleo e gás. Ambos são itens de peso na pauta de exportações da Rússia. Que, além de ser sócia-fundadora do Brics — ao lado da própria Índia, da China e do Brasil —, aproximou-se de Nova Delhi nos anos 1960 e 1970, em meio às pendências de ambos os governos com o regime comunista de Pequim, na época chefiado por Mao Tsé-tung.

Avançou o sinal

Também os aliados mais próximos dos EUA estão sendo surpreendidos

quase diariamente pelas investidas do novo presidente no cenário global. A semana que termina hoje foi marcada por um telefonema de hora e meia entre Trump e o presidente da Rússia, Vladimir Putin. Enquanto o vice, JD Vance, representava o país em uma conferência internacional sobre segurança, em Munique, o titular avançava no rumo de uma negociação direta com o chefe do Kremlin sobre a guerra na Ucrânia.

Presente ao encontro europeu, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, tomou distância de qualquer proposta de paz que possa ser costurada por fora entre Washington e Moscou. Mas teve de ouvir o secretário norte-americano de Defesa, Peter Hegseth, classificar como “uma meta irreal” a pretensão do governo de Kiev de recuperar os territórios perdidos para a Rússia desde a invasão, que completa três anos na última semana do mês.

O cenário escolhido pelo chefe do Pentágono foi uma reunião do Grupo de Contato para a Defesa da Ucrânia, em Bruxelas, que abriga o quartel-general da Otan. Hegseth aproveitou para descartar

qualquer movimento na direção de incorporar o país ao bloco militar ocidental.

Sem cerimônia

Outro aliado histórico, este uma peça-chave no tabuleiro do Oriente Médio, acaba de ter o primeiro contato direto com o novo titular da Casa Branca — com direito a controvérsias públicas e diretas. O rei Abdullah, da Jordânia, foi a Washington dizer a Trump, com todas as letras, que não aceita o plano de transformar a Faixa de Gaza em um resort de luxo, uma reedição da Riviera Francesa. Nem, muito menos, o reino estaria disposto a receber os palestinos de Gaza, que Trump pretende reassentar permanentemente “em outro país da região”.

O Egito, citado também como possível destino para a população de Gaza, rejeita igualmente a proposta. Mas, assim como o rei visitante, o governo do Cairo assistiu ao presidente dos EUA reafirmando com todas as letras os planos. E sugerindo que poderá rever os programas de cooperação com os dois aliados árabes.